

Vozes do Carandiru

Memória, subjetividade e verdade em quatro narrativas do massacre

CARLA SENA LEITE - (mestranda em Ciência da Literatura, Teoria Literária, UFRJ)

Resumo

Quatro narrativas do Massacre do Carandiru dão voz àqueles naturalmente silenciados pelo sistema e inauguram a prosa carcerária no Brasil. Memória, subjetividade e verdade serão os temas investigados nessa análise.

Massacre do Carandiru, ocorrido em 2 de outubro de 1992, foi um dos episódios mais sangrentos da história prisional brasileira. Tanto pela violência dos 111 presos mortos “oficialmente” pela polícia como também pelo próprio “desaparecimento” da maior Casa de Detenção de São Paulo, com mais de 7200 internos, que foi implodida pelo Governo.

Viver no Carandiru e conhecer os homens encarcerados já seriam temas suficientes para inúmeras histórias de vida. A tragédia do Massacre jogou ainda mais luz em cima dessas vozes naturalmente silenciadas pelo sistema de detenção. O silêncio pesado que se abateu após a chacina, a busca pela verdade dos fatos, as lembranças daquelas horas que antecederam o Massacre e o horror de ter passado por aqueles momentos estimularam inúmeros relatos sobre a tragédia.

A visão do Massacre na perspectiva do médico Dráuzio Varella no *Estação Carandiru*; do também médico e presidiário Hosmany Ramos no livro *Pavilhão 9 : Paixão e Morte no Carandiru* e a do rapper e ex-detento José André de Araújo, conhecido como André Du Rap, no *Sobrevivente André Du Rap (do Massacre do Carandiru)* com coordenação do jornalista Bruno Zeni e a poesia dos Racionais MC's na música *Diário de um Detento* foram as narrativas escolhidas para análise.

São quatro versões e maneiras diferentes de reviver a tragédia. Varella usa o estilo da crônica e utiliza recursos de ficcionalização (e de representação) para “subjetivar” os presos. É a partir desse livro que a prosa carcerária toma visibilidade no Brasil. Também sutilmente o livro “subjetiva” o próprio Varella, que redescobre no Carandiru a missão da medicina. A ficção se mistura à narrativa do Massacre e confirma a tese de que é possível acreditar na representação, mas com a consciência de que ela jamais será a reprodução exata do fato em si. A troca de experiências entre o médico, que desenvolveu voluntário na Casa de Detenção, e os presos, que contaram as suas vidas para ele, é o resultado do livro.

Já o *Pavilhão 9 : Paixão e Morte no Carandiru*, do médico e presidiário Hosmany Ramos, traz um capítulo que narra o Massacre do Carandiru. Ramos ouviu a versão de Milton Marques Viana, seu colega de presídio, e sobrevivente da tragédia.

O *rapper* André du Rap, também sobrevivente do Massacre, aceita a proposta do jornalista Bruno Zeni e grava de memória a sua versão. Zeni mantém a autenticidade do relato, inclusive com a ordem cronológica dos fatos escolhida pelo *rapper*. O jornalista retirou as perguntas, deixando o texto corrido, linear e reto. A narrativa ganha impacto sem a forma de questionário ou entrevista. O livro é dividido em quatro partes e a primeira é justamente sobre o dia do Massacre. A fala de André é direta, dura e simples.

O grupo de rap Racionais MC's, surgido no final da década de 80 na periferia de São Paulo, é formado por Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue e Kl Jay e tem na prosa carcerária o grande trunfo de suas letras. *Diário de um Detento*, que faz parte do disco *Sobrevivendo no Inferno*, foi escrita pelo vocalista Mano Brown e pelo ex-detento Jocenir, autor do livro homônimo *Diário de um Detento*. Trata-se do relato cru do cotidiano na prisão. A música “falada” tem a melodia soturna, bem marcada, com poucos instrumentos e recursos eletrônicos e a última parte reproduz o Massacre.

A subjetivação destes relatos forma interessante painel de vida, daqueles que a sociedade considera “mortos-vivos”, esquecidos por trás dos muros da prisão. O tema da verdade também aparece justamente porque as quatro narrativas (Varella, Ramos, Zeni e Racionais) buscam, acima de tudo, esclarecer os fatos, reviver a tragédia, que jamais foi totalmente esclarecida. E a literatura, conforme afirma Hartman, a respeito de tragédias pessoais, “devolve para os sobreviventes alguma confiança na comunicabilidade, tanto com eles mesmos, por meio de suas memórias, quanto com um mundo que permanece um lugar inseguro.”¹ Cada autor à sua própria maneira trava uma intensa luta pela verdade e faz uma opção de relato.

Já a reprodução dos fatos, sem a preocupação cronológica e, muitas vezes, sem obedecer necessariamente à ordem real dos acontecimentos, é o resultado de um intenso exercício de memória. Isso acontece tanto por parte dos autores, que após ouvir as experiências dos presos tiveram que reproduzi-las, como dos próprios detentos, que reviveram mais uma vez a tragédia, apenas baseando-se em suas impressões pessoais e sem outras testemunhas oculares.

¹ HARTMAN, G. (2000), p. 212

Varella, Ramos, Zeni e Mano Brown/Jocenir têm um ponto em comum. Para recontar o Massacre, os três autores tiveram que estimular a lembrança dos sobreviventes. Mas trazer à tona o passado de outros e percorrer caminhos, que muitas vezes já foram esquecidos por aqueles que sobreviveram à tragédia, não é uma tarefa fácil. A memória é um “labirinto de trilhas” nem sempre claras mesmo diante de um acontecimento que tem o poder de mudar o rumo de nossas vidas. E o tempo é um inimigo invisível e cruel, capaz de criar atalhos, que comprometem o rumo do lembrar. Como afirma Bosi, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”².

Fazer uma vítima se lembrar de uma catástrofe deixou o desafio dos autores mais árduo. “É que às vezes, como diz Bosi, os fatos que não foram *testemunhados* “perdem-se”, “omitem-se”, porque não costumam ser objeto de conversa e de narração(...). Assim, quando o sujeito os evoca, não vem o reforço, o apoio contínuo dos outros. É como se ele estivesse sonhando ou imaginando.”³

O Massacre do Carandiru não é apenas uma memória dolorosa, tornou-se trauma difícil de ser superado por quem esteve lá. André du Rap admite que o episódio nunca vai ser totalmente esquecido:

Ninguém nunca vai tirar isso da minha mente. Tem companheiros que ficaram traumatizados, não gostam nem de lembrar. Eu mesmo, até hoje eu tenho pesadelos com isso. Às vezes, eu me vejo naquele dia, lembro de como começou, um amigo de cela falando, alguém dizendo:

² BOSI, E. (1999), p. 55

³ Idem, p.67

_ Ô, André, hoje é seu aniversário, mano! Segunda-feira eu vou embora, vou mandar um presente pra você aí, de lá de fora.⁴

A condição de marginalidade é “outro” impedimento para a lembrança dos fatos. Os Racionais terminam a música com descrença diante da iniciativa de reviver dores. “Mas quem vai acreditar no meu depoimento?/ Dia 3 de outubro, diário de um detento.”⁵

As lembranças compõem um verdadeiro quebra-cabeça da memória. São peças esparsas que precisam fazer sentido novamente. Torna-se necessário superar a tristeza, juntar novamente os detalhes e contar de novo. Neste caso, a memória ganha função social, é como se toda a dor se revestisse de um significado nobre. É preciso lembrar para não esquecer e para que não aconteça de novo. E a literatura e a linguagem funcionam como elementos socializadores da memória. Ainda nas palavras de Bosi, “como salvar sua lembrança senão escrevendo sobre ela, fixando assim seus traços cada vez mais fugidios? (...). O indivíduo é o memorizador das camadas do passado (...), pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum”.⁶

Ramos e Varella foram os “provocadores” da memória. Afinal, era preciso ativá-la novamente e as nossas lembranças vêm mais facilmente à tona quando outros a provocam. Neste caso, os autores fizeram renascer aquele 2 de Outubro de 1992 com perguntas, curiosidades e miudezas esquecidas até pelos sobreviventes. E são os pequenos detalhes que enriquecem a narrativa e fazem, como diz Hartman, a literatura “atuar sobre o passado resgatando o individual, com rosto e nome próprios, do lugar do terror no qual aquele rosto e aquele nome foram levados embora”.

Zeni optou por não “interferir” na lembrança de André du *Rapper* e o deixou sozinho para gravar os fatos. Basta ler a narrativa para se ter noção exata desta postura. O relato é fragmentado, como se o *rapper* fizesse um intenso esforço para retratar os fatos exatamente na

⁴ ZENI, B. (2002), p.25

⁵ BROWN, M. e JOCENIR (1998)

⁶ BOSI, E. (1999), p. 411

ordem como eles aconteceram, mas não conseguisse justamente por causa dos “atalhos” que a memória cria com o tempo. É uma enxurrada de pensamentos, com descrições nuas da violência e opiniões do sobrevivente sobre o código próprio de ética que reina na cadeia:

As pessoas que são responsáveis pela sua segurança, na hora que o pavio queima, na hora que a bomba explode, deixam você a pé, deixam você sozinho. Foi isso que aconteceu. O que aconteceu? Os funcionários quiseram intervir, nós não deixamos. Treta de ladrão é treta de ladrão. É preso contra preso e já era. Acho que todo mundo sabe disso. As regras dentro do presídio são essas, polícia pra um lado preso pro outro. É o respeito.⁷

É também perceptível a tentativa do *rapper* de deixar claro para o leitor que aqueles momentos foram de uma crueldade e violência jamais presenciados no Carandiru. Tanto que ele acaba criando “palavras novas”, como se as corretas não fossem suficientes para descrever a realidade tão cruel e sangrenta. E, por outro lado, Zeni faz questão de mantê-las, tornando o relato do *rapper* praticamente “íntacto” de interferências:

Teve um companheiro que o cachorro mordeu o testículo dele e saiu arrancando... Cena horrorizante. Maior cena horrorizante mesmo. Veio um PM e executou ele. Eu chorava, em pânico. Eu só pensava, vai chegar a minha vez, agora vai ser eu.

A cena era horrorizante. Começamos a lavar o pavilhão, puxando com rodo aquele monte de sangue. Pedaco de carne, pedaco de companheiro seu, pedaco de ser humano ali no meio da água misturada com sangue, sangue de vários homens. Vários companheiros se infectaram com doenças, tava todo

⁷ ZENI, B. (2002), p.18

mundo nu. Você imagina? Os caras encapuzados e você indefeso, nu como veio ao mundo.⁸

Os Racionais têm a preocupação de reproduzir em poesia a ordem cronológica dos acontecimentos que antecederam a invasão do presídio. A voz soturna do vocalista dá uma sensação de angústia e deixa o ouvinte ansioso para saber o desfecho da situação.

Dois ladrões considerados passaram a discutir/ Mas não imaginavam o que estaria por vir/ Traficantes, homicidas, estelionatários/ Uma maioria de moleque primário/ Era a brecha que o sistema queria/ Avise o IML, chegou o grande dia/ Depende do sim ou não de um só homem/ Que prefere ser neutro pelo telefone.⁹

Os relatos de Varella, Ramos e dos Racionais são “arrumados”, preenchem as lacunas contraditórias da memória, justamente para dar ao leitor noção de unidade e tempo. Apesar de ser uma experiência verdadeira, as narrativas assemelham-se em alguns momentos aos contos de ficção justamente porque as pequenas partes da memória dos sobreviventes atuam o tempo inteiro no relato e, no final, cabe aos autores a opção de “arrumar” ou não os trechos esparsos.

Varella usou esse recurso para “compor” o imenso painel de histórias do Carandiru. Principalmente nos capítulos referentes ao massacre já que “numa cadeia, ninguém conhece a moradia da verdade”.¹⁰ Como “co-proprietário” das histórias, ele preencheu as lacunas onde talvez os relatos dos presos não tivessem sido suficientes para o bom entendimento e estabeleceu uma ligação com os leitores, que interagiram com o seu texto.

⁸ Idem, p. 25

⁹ BROWN, M. e JOCENIR (1998)

¹⁰ VARELLA D. (2002), p.11

Hosmany Ramos opta por um relato em primeira pessoa. Ele “praticamente” incorpora a memória de Milton Marques Viana e a usa como se fosse sua. É “co-autor” e “autor” do relato ao mesmo tempo:

Escondo o corpo atrás de uma mureta e fico com os ouvidos tapados. Quando cessa o tiroteio, escuto gemidos abafados no corredor. Olho para fora e Alex está sangrando profusamente. Não demora e ele emite uma contração desengonçada do corpo e entrega-se à morte. Saio correndo para a escada. Tudo o que quero é fugir, não importa para onde. Fugir!¹¹

Ramos usou técnica para estimular a memória do seu entrevistado. Ele ouviu, fez perguntas, absorveu a experiência de Vianna. Coletou o material bruto e escolheu o melhor “ângulo” para contar a história do outro. Diferente de Varela, que teve a oportunidade de ouvir várias versões do Massacre, Ramos só usa a memória do colega de presídio, que lhe deu liberdade para recontar a catástrofe dele. Conforme Bosi, “a narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o em si do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma”¹².

Pensar nos relatos como frutos de exercícios de memória revela a questão da vida e da morte. A escrita visa garantir o prolongamento de uma vida e, quem sabe, sua posterior imortalidade. São sobreviventes de uma catástrofe que resgatam suas experiências e de seus companheiros. Mesmo para aqueles indivíduos que não estão mais aqui, a escrita permanece como forma irrefutável de registro. No caso de uma catástrofe como a do Carandiru, essa “permanência” da escrita, fruto de exercício de memória, vem revestida de um significado ainda mais nobre.

Os relatos trazem à tona tanto a subjetivação dos sobreviventes como de seus autores. Inserir-se no universo dos seus entrevistados faz parte do jogo da subjetivação. O entrevistador

¹¹ RAMOS, H. (2001), p. 252

¹² BOSI, E. (1999), p. 88

quer intensificar relações sociais, justamente para descobrir a essência do seu foco de estudo, mergulhar no âmago dele. E isso, conforme Foucault, “constitui-se um exercício benéfico até para aquele chamado preceptor, pois assim ele relativiza conselhos para si próprio”.¹³

Varella, por exemplo, resgata a existência dos presos, que durante o atendimento na enfermaria, iam lhe contando as próprias vidas. E redescobre no Carandiru, junto àqueles considerados mortos-vivos da sociedade, a sua missão na medicina. “A perspectiva de penetrar fundo o universo marginal, embora assustadora, era tão fascinante que para dizer a verdade eu estava feliz, excitado com aquele trabalho e apaixonado pela medicina (...)”¹⁴. O médico tem a preocupação de tentar reproduzir os dramas dos encarcerados. Dar voz àqueles que são naturalmente silenciados, e de fato, torná-los homens, com rostos e sentimentos individuais, é um dos grandes acertos do autor.

Vale destacar a condição de dois médicos, Varella e Ramos, subjetivarem os presos. A profissão faz com que os dois tenham o poder de controlar a saúde, a vida e a morte de seus pacientes. Na posição de “entrevistadores” e “co-autores”, há uma inversão de papéis. São eles que aprendem com os detentos, com as suas riquíssimas experiências de vida e não detém o poder em suas mãos. Gilberto Velho acredita ser impossível para o entrevistador não se envolver com o processo de subjetivação do seu alvo de pesquisa. E que esse envolvimento torna-se um tesouro de aprendizagem:

(...) As preocupações, os temas cruciais são, em geral, comuns a entrevistados e entrevistador. (...). Eu, o pesquisador, ao realizar entrevistas e recolher histórias de vida, estou aumentando diretamente o meu conhecimento sobre a minha sociedade e o meio social em que estou mais diretamente inserido, ou seja, claramente envolvido num processo de autoconhecimento. (...)

¹³ FOUCAULT, M. (1985), p. 57

¹⁴ VARELLA D. (2002), p.86

Deveria não tentar escamotear sua interferência, mas aprender a lidar com ela.¹⁵

Hosmany Ramos sorveu ao máximo o conhecimento de seu entrevistado e, em muitos trechos do relato, parte para uma dupla subjetivação: a do sobrevivente do Massacre e a dele próprio. Na qualidade de detento, Ramos possui uma visão bastante realista do ambiente carcerário que aliou à experiência de Milton Marques Vianna. Tanto que a vítima do Carandiru admite o seu estranhamento diante da narrativa pronta e diz que apesar de ser “testemunha ocular dos fatos, após ter lido o manuscrito, constatou que as palavras nas mãos de um escritor sempre voam”¹⁶.

Ramos imprime o seu próprio tom à narrativa. Fica difícil definir, por exemplo, na última parte do relato, se as opiniões do sobrevivente do Massacre diante do despreparo das autoridades, não é compartilhada pelo médico e autor, ele próprio, uma vítima do sistema penal brasileiro. “Os presos vivem como gado, e a finalidade da pena é meramente punitiva, burlando a teoria positivista de que ‘a segurança social se alcança mais com o trabalho de recuperação do infrator do que com a punição’ ”.¹⁷

Os Racionais acertam ao descrever os sentimentos mais íntimos de quem vive o dia-a-dia atrás das grades. É como se fôssemos transportados para o interior do presídio e compartilhássemos também uma cela no Carandiru.

Cada detento uma mãe, uma crença/ Cada crime uma sentença/ Cada sentença um motivo, uma história de lágrima, sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio, sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo/ Misture bem essa química/ Pronto: eis um novo detento/ Lamentos no corredor, na cela, no pátio/ Ao redor do campo, em todos os cantos/ Mas eu conheço o sistema, meu irmão, há.../Aqui não tem santo/ Rátátátá... /Preciso

¹⁵ VELHO, G. (1989) p.17

¹⁶ RAMOS H. (2001) p. 230.

¹⁷ Ibidem, p. 268

evitar que um safado faça minha mãe chorar/ Minha palavra de honra me protege pra viver no país das calças bege.¹⁸

Pavilhão 9 é um dos poucos relatos sobre o Massacre com a preocupação de citar nominalmente os 111 mortos. Poucas vezes, esses nomes “apareceram” de fato seja em livros ou na imprensa eletrônica e impressa. Os mortos são sempre uma “massa” anônima, corpos sem nome, esquecidos durante e depois de suas existências. Subjetivá-los era uma necessidade dos autores. Afinal, retirá-los da clandestinidade é o primeiro passo na busca da verdade dos fatos, que discutiremos adiante. Esquecer os mortos, principalmente a chamada “escória”, é uma tendência da maioria das sociedades. No caso do Carandiru, o esquecimento foi um preço muito alto a pagar principalmente porque, como afirma Contardo, “para pensar e repensar nossa significação e nossa história (...) precisamos dos mortos que nós mesmos afastamos.”¹⁹

A subjetivação de André du Rap foi uma das preocupações do jornalista Bruno Zeni. Acostumado ao papel de interlocutor, justamente por sua condição de repórter, Zeni diminuiu ao máximo a sua participação no processo de “recontar” os fatos. Deixou que o *rapper* “falasse” por si. E ele criou a sua própria subjetivação. Revolta, impotência, medos, angústias, pouca escolaridade, malandragem – nada escapa ao leitor durante a narrativa. “Você escuta um tiro, o sentimento é de pânico. (...) Você lembra de tudo, do mal que você fez para um companheiro, você lembra de uma briga que você teve. Fica ali tentando sobreviver”²⁰. Também nos Racionais fica evidente que os autores não mascaram o seu jeito de falar e digerir os acontecimentos. “Alguns companheiros têm a mente mais fraca/ Não suportam o tédio, arrumam quiaca/ Graças a Deus e à Virgem Maria/ Faltam só um ano, três meses e uns dias”.²¹

¹⁸ BROWN, M. e JOCENIR (1998)

¹⁹ CONTARDO, C. (1996) p. 120

²⁰ ZENI, B. (2002) p.20

²¹ BROWN, M. e JOCENIR (1998)

A subjetivação é aliada da verdade. No caso do Massacre, era preciso descobrir a “essência” daqueles homens para se chegar a uma versão aproximada do que realmente aconteceu naquele dia. A preocupação no esclarecimento dos fatos está clara nos relatos. Ramos, Varella, Zeni e os Racionais não confiaram nas “fontes oficiais” e caminharam na contramão da versão já divulgada. Mas o “produto final” obtido por eles também não é garantia da verdade absoluta. O que vale, para eles, é a tentativa de aperfeiçoar um modelo de interpretação daqueles fatos. Já que, segundo Foucault, “se a interpretação nunca pode acabar, é porque não há nada a interpretar. Não há nada de absolutamente primeiro a interpretar, pois no fundo tudo já é interpretação.”²²

Pensar nos motivos que levaram os autores a procurarem a verdade dos fatos é remeter-se ao mecanismo de poder defendido por Foucault, que diz que “somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar; temos que dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la.”²³

Ao tomarem para si a tarefa de recontar o Massacre, os autores fizeram o papel de historiadores do presente, pensadores da realidade social. Mas o resultado de suas obras precisa ser encarado como representação. Chartier (1990) enfatiza que a realidade (passada ou presente) não é um dado *a priori* (pré-discursiva), ela é construção “significativa”, portanto, “representada”. O “mundo como representação” é obra dos discursos que, ao apreendê-lo, conferem-lhe significação. Os “sentidos” são historicamente produzidos pelos atores sociais através dos “mecanismos de representação” que articulam modalidades de relações com o mundo social (classificações, delimitações, práticas, institucionalizações). Nesse entendimento, o “discurso” (fonte com a qual os historiadores trabalham) é instrumento de transformação/conformação da realidade e não o seu reflexo.

Embora o historiador não invente histórias sobre o passado, o passado sempre nos chega como narrativa “e não podemos sair dessas narrativas para verificar se correspondem ao mundo

²² FOUCAULT, M. (1967), p. 186-187

²³ Idem, p. 29

ou ao passado reais (...)”²⁴. Como afirma Jenkins, o passado não estabelece o tipo de leitura que lhe convém. Essa é uma tarefa do historiador. Jenkins reflete ainda sobre a distinção entre história-passado e história-acontecimento, e lembra que o passado, objeto de estudo do historiador, é aquilo que já passou, e a história é o que os historiadores fazem com ele.

Analisando os relatos sob o ponto de vista do século 21, nada mais natural que os chamados grupos subalternos, como os presos do Carandiru, possam ser inseridos dentro de uma perspectiva histórica. Afinal, como diz Foucault, “os historiadores, como os filósofos e os historiadores da literatura, estavam habituados a uma história das sumidades. Mas hoje, diferentemente dos outros, aceitam mais facilmente trabalhar sobre um material não nobre.”²⁵

BIBLIOGRAFIA

1) BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade – Lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1999. 8ª edição.

2) CHATIER, Roger. **História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

3) CONTARDO, Calligaris. **Crônicas do Individualismo Cotidiano**. São Paulo: Ática, 1996.

4) BROWN, Mano. e JOCENIR (1998). **Diário de um Detento**. São Paulo: CD Sobrevivendo no Inferno (1998).

5) FOUCAULT, Michel. A cultura de si. In: **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 1ª edição. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque.

_____. Nietzsche, Freud et Marx. In: **Nietzsche**. Paris Editions de Minuit. Paris: Cahiers de Royaumont, 1967. Páginas: 186-187.

²⁴ JENKINS, K. (2001), p.28

²⁵ FOUCAULT, M. (2000), p.129

_____. Direito de morte e poder sobre a vida. In: **História da Sexualidade**. Volume 1. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. **Vigiar e Punir**. Tradução de Lígia M. Ponte Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1991, 9ª edição.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado e outros. Rio de Janeiro: Graal, (1979) 2000, 15ª edição.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

6) HALL, Stuart. **The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time**. In. THOMPSON, Kenneth (ed). Media and cultural regulation. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. (Cap. 5).

7) HARTMAN, Geoffrey. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTROVSKI, Arthur e SILVA-Seligmann, Márcio (organizadores). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. Páginas: 207-235.

8) JENKINS, K. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001

.9) LE GOFF, Jacques et al. **A nova história**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

10) NESTROVSKI, Arthur e SILVA-Seligmann, Márcio (organizadores). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

11) PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; RONDELLI, Elizabeth; SCHOLLHAMMER, Karl Erik; HERSCHMANN, Micael. (organizadores). Linguagens da violência. In: **Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

12) PIMENTA, Olímpio. Da Verdade. In: **A invenção da verdade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

13) RAMOS, Hosmany. **Pavilhão 9. Paixão e Morte no Carandiru**. São Paulo: Geração Editorial, 2001. Páginas 230-275.

14) VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 24ª edição.

15) VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2ª edição, 1989.

16) ZENI, Bruno (Coordenação Editorial). O Massacre do Carandiru. In: **Sobrevivente André du Rap (do massacre do Carandiru)**. São Paulo: Labortexto editorial, 2002. Páginas: 17-27 e 199-218.